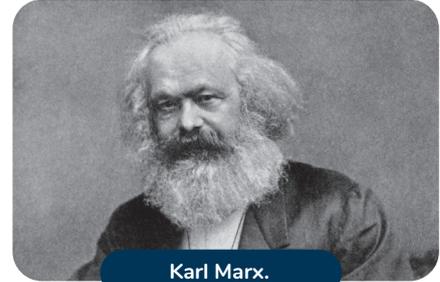




KARL MARX – INFRAESTRUTURA, SUPERESTRUTURA E LUTA DE CLASSES

Anteriormente, estudamos alguns aspectos da teoria de **Émile Durkheim**. Falamos da importância desse pensador para a fundação da Sociologia como campo de estudo. Hoje vamos abordar um outro “pilare sociológico”: **Karl Marx**.

Talvez o mais conhecido autor entre os clássicos da Sociologia, Marx divide opiniões e provoca corações, seja para amá-lo ou odiá-lo. O fato indiscutível é que esse filósofo alemão segue atual e influencia, até hoje, teóricos de diversas áreas.



Karl Marx.

Nascido na Prússia em 1818, em território que hoje pertence à Alemanha, Marx teve uma vida de altos e baixos. Após envolver-se em movimentos políticos e fazer parte da Liga dos Justos – que depois seria conhecida como Liga dos Comunistas –, ocasião em que ele publica *O Manifesto Comunista*, Marx acaba tendo que fugir e se exilar na Inglaterra.

Já em Londres com a família, Marx enfrentou dificuldades e problemas financeiros. Com a ajuda de seu amigo **Friedrich Engels**, parceiro intelectual e político, consegue se manter na cidade. É lá que escreve o livro *O Capital*, mais especificamente na biblioteca do famoso Museu Britânico (*British Museum*), onde Marx ia com frequência.



Marx lendo um livro na biblioteca do Museu Britânico.

Marx foi aos poucos se distanciando da filosofia e se aproximando dos estudos da sociedade a partir da perspectiva econômica. A **questão do trabalho** é essencial para esse pensador. Na visão de Marx, na **sociedade capitalista**, quando um trabalhador é contratado por uma empresa, existe um acordo que determina quantas horas ele deve trabalhar e quanto vai receber por isso.



Marx compara essa relação a um contrato de compra e venda, já que, de um lado, temos o operário, que vende a sua força de trabalho, e, do outro, o empresário, que compra a força de trabalho do operário. A questão é que esse contrato não se dá em uma relação entre iguais, porque as condições de trabalho foram impostas desde o início pelo empresário e pelo meio social, não cabendo ao trabalhador nenhuma escolha.

Tal relação seria definida pela expropriação do valor do trabalho do proletário por aqueles que detêm os meios de produção. Segundo ele, o salário pago ao trabalhador está abaixo do valor por ele produzido durante sua jornada de trabalho. Em geral, se uma pessoa trabalha oito horas por dia e, em cinco horas trabalhadas, ela produz mercadorias ou serviços suficientes para pagar o seu salário e outros custos de produção, nas três horas restantes ela produz um excedente, que será apropriado pelo empresário. Esse valor excedente foi chamado por Marx de **mais-valia**.

As imagens abaixo ajudam a ilustrar a assimetria das relações trabalhistas, assim como a desigualdade social que pode surgir desse tipo de relação. Em tempos mais recentes, principalmente durante a pandemia, a fragilidade do trabalhador que faz entrega por aplicativos tem sido exposta, o que gerou manifestações e debates na sociedade.



Marx parte dessa relação específica para uma perspectiva mais ampla, pois, segundo ele, não se trata apenas de uma relação entre indivíduos, mas da própria luta de classes que opõe os operários à burguesia.

A classe operária e a classe burguesa “só se relacionam, nesse caso, por causa do trabalho: o empresário precisa da força de trabalho do operário e este precisa do salário. As condições que permitem esse relacionamento são definidas pela luta que se estabelece entre as classes, com a intervenção do Estado, por meio das leis, dos tribunais ou da polícia. Essa luta vem se desenvolvendo há mais de duzentos anos em muitos países e nas mais diversas situações, pois empresários e trabalhadores têm interesses opostos. O Estado aparece aí para tentar reduzir o conflito, criando leis que, segundo Marx, normalmente são a favor dos capitalistas.”

Fonte: TOMAZIO, Nelson Dacio. Sociologia para o Ensino Médio. São Paulo: Saraiva, 2010.



Vale lembrar que Marx viveu e escreveu durante as importantes transformações do século XIX, diante do aprofundamento do capitalismo e dos efeitos sociais da **Revolução Industrial**.

As enormes jornadas de trabalho, as condições precárias e o trabalho infantil, entre outros, levaram à construção de uma crítica social por parte também de outros indivíduos e instituições. A própria Igreja Católica se manifestou sobre o tema com sua *rerum novarum*, um texto escrito pelo Papa Leão XIII, em 1891, com críticas às condições de trabalho dos operários nas indústrias.

O cinema e a fotografia produziram igualmente obras críticas ao trabalho industrial, já no século XX. Exemplos importantes foram o filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, e o ensaio fotográfico de Lewis Hine, fotógrafo e sociólogo, que buscou denunciar o trabalho infantil nas indústrias americanas.



Ensaio sobre trabalho infantil nas indústrias dos EUA no início do século XX.



Filme *Tempos Modernos*, de 1936.

Karl Marx entendia que a sociedade estava estruturada em dois níveis: a **infraestrutura** e a **superestrutura**. Nesse sentido, ele compara a sociedade a um edifício. A infraestrutura seria representada pelo conjunto das **relações de produção**. Isso inclui as relações de classe de uma determinada sociedade e o **modo de produção**. Ou seja, estamos falando de como o homem produz e de como se organiza para produzir. A infraestrutura, assim, representa a **base econômica**.

Acima da **infraestrutura** se encontraria a **superestrutura**, que inclui os aspectos jurídicos, políticos e ideológicos da sociedade. O papel da **superestrutura** é justamente o de manter a operação da infraestrutura. Na visão de Marx, as formas de pensar de uma determinada época, a que chamamos **ideologia**, teriam a função de sustentar o motor social dos modos de produção. O **Estado**, formado a partir da **superestrutura** jurídica e política, também teria um papel fundamental. Essa **superestrutura** jurídica e política seria representada pelas instituições do **Estado**, como a polícia, as leis, os tribunais, o exército e a burocracia.



Marx “acreditava que a realidade social era feita de contraditórios. A sociedade, nesse caso, apresentava-se como eminentemente conflituosa. Isso porque, ao longo da história, certos extratos sociais se apossavam de recursos econômicos fundamentais, subordinando o restante da população aos seus desígnios.”

Fonte: Sociologia para não sociólogos [recurso eletrônico]: os clássicos da sociologia: Durkheim, Weber e Marx / Glauco Ludwig, Ivan Penteadou Dourado, Vinicius Rauber e Souza. – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016, p. 57.

Em outras palavras, o que Marx quis dizer é que toda sociedade tem uma base em que se apoia. Essa base é justamente a estrutura econômica. Se entendemos que nós, seres humanos, temos necessidades fisiológicas as mais básicas, como comer, dormir, aquecer-nos do frio, a sociedade, por sua vez, se estruturaria para atender a essas necessidades. As sociedades mais primitivas buscam fazer isso por meio da pesca, da caça e da agricultura. Já as mais avançadas utilizam recursos industriais e de alta tecnologia para alcançar os mesmos objetivos. Isso quer dizer que a infraestrutura econômica que sustenta cada sociedade pode variar.

A infraestrutura está formada pelas forças produtivas e pelas relações de produção. As forças produtivas correspondem aos recursos utilizados para que o homem tenha controle sobre a natureza, como a tecnologia e a ciência, por exemplo. As relações de produção são marcadas pela questão da propriedade. O que devemos nos perguntar nesse caso é quem é o dono dos meios de produção. Aqueles que produzem os bens de uma determinada sociedade são totais ou parcialmente donos de sua própria força de trabalho? Responder a essa pergunta seria fundamental para a compreensão das relações de produção, segundo Marx.

O esquema abaixo nos ajuda a entender a estruturação proposta por Marx!



Na visão desse pensador, a ideologia, especificamente, teria um importante papel na dominação exercida pelas classes mais ricas sobre as classes mais pobres. Para Marx, a ideologia não é somente um conjunto de ideias. As pessoas que compõem uma determinada classe social tendem a ter visões de mundo parecidas, que decorrem da sua posição social. No entanto, somente as classes sociais dominantes conseguem propagar mais facilmente as suas ideias e valores sociais a partir de instituições criadas com o uso do seu poder econômico. Essa ideologia dominante serve como meio de persuasão e mascara a dominação que a classe mais endinheirada exerce sobre as demais.



O socialismo de Marx prevê a abolição da propriedade privada, a socialização dos meios de produção e o fim da divisão de classes. Isso ocorreria por meio da tomada de consciência da classe trabalhadora, que deveria se unir e lutar. Quando as classes sociais fossem abolidas, também o seria o Estado. Apenas nesse momento a sociedade estaria pronta para a implantação do sistema comunista.

Dessa forma, o socialismo e o comunismo não são a mesma coisa. Para a teoria marxista, o socialismo é uma etapa para se chegar ao comunismo. No sistema socialista, o Estado e o governo permanecem no controle da sociedade. No entanto, quem comandaria o Estado seriam os trabalhadores, a quem caberia determinar a produção e a distribuição de bens, organizando um sistema igualitário e de cooperação.

O sistema comunista só seria alcançado em um estágio posterior, após atingida a igualdade absoluta entre os cidadãos. Nessa etapa, o Estado poderia ser eliminado, assim como toda forma de opressão social. Os trabalhadores poderiam, então, se tornar proprietários do seu trabalho e dos bens de produção.

O método proposto por Marx ficou conhecido como materialismo histórico. Sua grande preocupação esteve em entender a sociedade capitalista. Assim, buscou analisar como o modo de produção e as relações de trabalho impactam as condições materiais de vida da população.

É interessante observar que nem Durkheim, nem Weber, que também correspondem à base da Sociologia, tiveram tanta influência nos processos históricos quanto Marx. Como escreve o historiador britânico Eric Hobsbawm, Marx transformou a história mundial, sendo determinante para os processos que aconteceriam ao longo de todo o século XX, com destaque para a formação da União Soviética.



ANOTAÇÕES
